

SURUKU'KU



ÍNDICE

Introdução	03
Morfologia	05
Características gerais	07
O veneno	09
Crenças populares	10
Fábula "As serpentes que roubaram a noite" ...	12
Fábula "Como apareceu a noite"	16
Referências bibliográficas	18

Integrantes:

Débora Roncato

Eduardo Dias

Gabriela Guerra

Giovana Bertelli

Isabelle Moro

Matheus Eduardo

INTRODUÇÃO

A espécie *Lachesis muta*, descrita por Linnaeus em 1766, possui diversos nomes populares: “surucucu”, “surucucu-de-fogo”, “surucucu-pico-de-jaca” (o nome faz alusão à textura das escamas, que lembram a casca da fruta jaca). Ela pertence à Família Viperidae (mesma das jararacas e cascavéis), sendo a maior das espécies de viperídeos do Brasil.

São nativas das Américas Central e do Sul e possuem ampla distribuição geográfica no Brasil, ocorrendo em ambientes florestais úmidos e bem preservados da Mata Atlântica, Amazônia e matas úmidas de transição da região Nordeste.



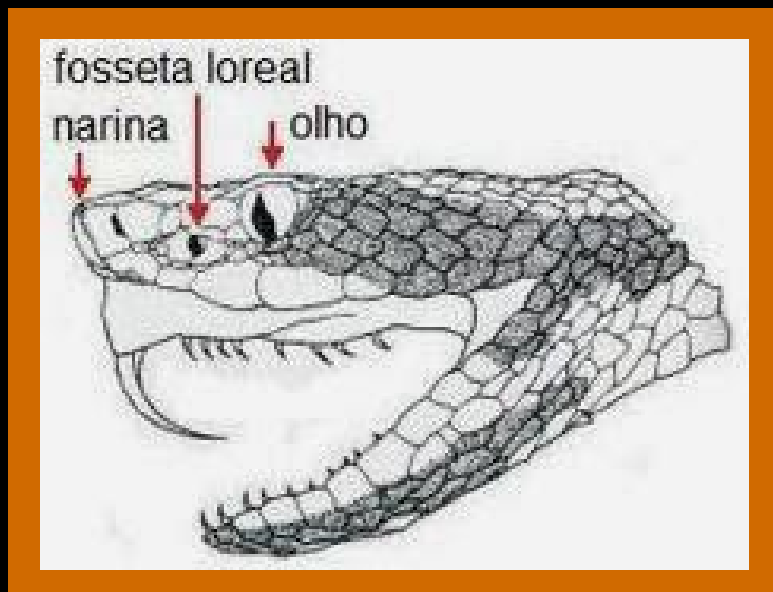
As surucucus compartilham algumas semelhanças morfológicas com as cascavéis, como o comportamento de mexer a cauda no chão, o que gera um som semelhante ao guizo das cascavéis quando a cauda agitava as folhas, por isso foi descrita como *Crotalus mutus*, o que significa "cascavel muda", "*Crotalus*" referente as cascavéis e "*mutus*" pelo fato da serpente não possuir o chocalho da cascavel. Porém, estudos genéticos e biomoleculares recentes mostram que as surucucus não pertencem ao gênero *Crotalus*.

Lineu inicialmente descreveu essa espécie como fazendo parte do gênero das cascavéis, antigamente, devido às limitações técnico-científicas, as espécies eram classificadas de acordo com aspectos morfológicos e comportamentais.

MORFOLOGIA

As surucucus podem chegar até 3,5 metros de comprimento, são características por ter cabeça larga e focinho arredondado, seu corpo possui desenhos na forma de losangos, que alternam entre as cores pretas e amarelas. Sua cauda apresenta uma última sub-fileira de escamas modificadas, quilhadas e eriçadas, com um espinho terminal derivado das escamas modificadas. A denticção é do tipo solenóglifa ('soleno' = tubo, canal; 'glyphos' = sulco), com duas grandes presas inoculadoras de peçonha que se projetam para a frente, quando a serpente abre a boca, além de que, elas abrem muito sua boca, facilitando a inoculação do veneno e tornando-as mais perigosas.

Também possui fosseta loreal, que fica entre o olho e a narina, esse orifício é um órgão termorreceptor que permite a percepção da temperatura por esses animais.



CARACTERÍSTICAS GERAIS

Esse animal possui hábito crepuscular e noturno e habita os substratos das matas, sendo considerada uma espécie terrícola. Seus vários botes e o famoso agito da cauda no chão, são seus dois maiores mecanismos de defesa quando se sente ameaçada, servindo-os principalmente para afastar seus predadores.

Elas se alimentam de pequenos roedores e outros pequenos vertebrados. Sua reprodução é ovípara, tendo aproximadamente 15 ovos por época de acasalamento, e é a única espécie de viperídeo no Brasil em que a fêmea enrola-se aos ovos, apresentando uma forma de cuidado parental. Essas serpentes são importantes controladores de populações, tanto de mamíferos, répteis, aves, quanto de anfíbios.

O controle dessas populações possui uma grande importância ecológica (porque evita a excessiva reprodução desses grupos, que pode gerar um desequilíbrio ambiental) e de saúde pública (por controlar as populações de animais passíveis de serem vetores de zoonoses (como ratos, morcegos, pombos). A maior ameaça para a espécie é a diminuição de ambientes florestais bem preservados, pois é um animal que exige tal condição, já que é grande e precisa de presas em abundância.



O VENENO

O veneno da Surucucu é do tipo laquético, característico por sua ação proteolítica, hemorrágica, coagulante e neurotóxica, em caso de acidentes, seus sintomas incluem: dor, surgimento de vesículas de conteúdo seroso e seroso-hemorrágico nas primeiras horas do acidente e manifestações hemorrágicas no local da picada. Nesses casos, o tratamento pode ser feito através do uso de soro antilaquético. Porém, acidentes com este animal são raros por conta do hábito de se esconder embaixo de troncos e tocas de tatu.

CRENÇAS POPULARES

As crenças populares relacionadas às serpentes são muitas, inclusive com as surucucus, duas delas foram selecionadas com suas respectivas explicações científicas. A primeira crença é de que a surucucu canta quando vai chover, dizem que esse animal canta/berra em alto som, lembrando um uivo, quando vai chover ou para chamar chuva, e ainda, outros indivíduos da espécie, em locais distantes, respondem a esse canto. A explicação científica para essa crença é de que esses animais não possuem cordas vocais e nem qualquer outra estrutura análoga, nem mesmo conseguem emitir sons expelindo ar dos pulmões, a única produção sonora realizada pela espécie é através do batimento da sua cauda queratinizada no solo, quando está em situação de estresse. Além disso, esses animais não possuem orifícios auditivos, por isso a probabilidade de resposta ao canto seria nula.

A segunda crença é de que a Surucucu tem raiva de fogo, dizem que quando esse animal se depara com fogo, fica com uma fúria incontrolável e desfere incontáveis botes nas chamas, chegando a morrer carbonizada.

Já a explicação científica para essa crença, é de que o fato destes animais ficarem irritados com a presença de fogo provavelmente é concreta, porém não com todas as características do imaginário popular. Segundo relatos, quando esse animal está em laboratório de pesquisa e é ligado aquecedores, as surucucus perdem a docilidade habitual e chegam a dar botes contra o local de onde provém o calor, isso provavelmente está ligado ao fato de que essas serpentes possuem fossetas loreais, que são órgãos relacionados a termorrecepção e conseguem perceber variações de até 0,003 graus Celsius.

FÁBULA "AS SERPENTES QUE ROUBARAM A NOITE"

Durante muito tempo, as narrativas indígenas foram veiculadas nas comunidades por meio da oralidade. Contudo, com o acesso à escrita, os indígenas passaram a documentar suas histórias e a expandir o acesso a sua cultura também por meio do texto impresso e literário. Além dessa carga cultural, há também intencionalidade implícita, relacionada à denúncia e à reparação das condições marcadas pelo preconceito, a opressão e a violência que ainda perduram contra os povos originários desde a Colonização.

A fábula “As Serpentes que roubaram a noite” conta a história de como a Surucucu “adquiriu” seu veneno. A Noite havia desaparecido e o Sol brilhava o tempo todo, fazendo com que os Munduruku não conseguissem dormir.

O povo então descobriu que a noite havia sido roubada pelas serpentes e sua chefe: a grande e poderosa Surucucu. Os chefes indígenas escolheram um jovem chamado Karu Bempô para trazer a noite de volta. Ele dirigiu-se até o esconderijo das serpentes e pediu para a grande Surucucu devolver a noite, em troca iria presentear as serpentes com arcos e flechas. Essa negociação não deu certo, já que as serpentes não possuem mãos para utilizar os instrumentos.

Karu Bempô retornou para a aldeia triste e sem resolver o problema, então os Munduruku resolveram oferecer às serpentes outro presente: uma matraca. Novamente, o menino foi até o encontro das serpentes oferecer o novo presente. Ele fez de tudo para que a serpente aceitasse o presente e, por fim, ela aceitou, e retribuiu com um saco contendo uma pequena parcela de noite.

O jovem ainda insatisfeito, perguntou o que seria necessário dar em troca de uma noite longa. Surucucu então pediu que o indígena trouxesse o veneno utilizado pelos Munduruku em suas flechas. Quando ele voltou à aldeia, abriu o saco e a noite se espalhou, mas durou pouco, era muito curta. Logo, os Munduruku decidiram reunir todo o veneno que possuíam, até conseguirem encher uma grande jarra.

Karu Bempô pegou a jarra e seguiu rumo à morada de Surucucu mais uma vez. Chegando lá, perguntou às serpentes por que precisavam do veneno e a Surucucu explicou-lhe que as serpentes eram muito pequenas e o veneno serviria para que elas pudessem se defender de quem as ameaçasse. Concluída a troca, a serpente ainda aconselhou o garoto a tomar cuidado: só deveria abrir o saco contendo a longa noite quando chegasse à aldeia.

Caso fosse aberto antes, as consequências seriam desastrosas para todos. O jovem, então, seguiu caminho de volta para casa, mas antes de lá chegar, encontrou a Onça, que ao ver o enorme saco nas mãos do jovem, saltou sobre o objeto, destruindo-o, e, assim, a longa noite escapou e se espalhou pela terra.

Depois disso, todos descobriram que as serpentes haviam se banhado na jarra de veneno, mas devido a atitude da onça o veneno não pode ser partilhado igualmente entre elas. Por conta disso, algumas ficaram com mais veneno que outras, e possuindo demasiado veneno tornaram-se seres muito poderosos, com habilidades para atacar e matar rapidamente aqueles que delas se aproximassem.

Os Munduruku souberam do sucedido e se por um lado a existência de serpentes venenosas passou a ser motivo de receios, porém, por outro lado, estavam felizes por terem agora uma longa noite para descansar.

FÁBULA "COMO APARECEU A NOITE"

O Brasil possui uma cultura popular indígena riquíssima, repleta de contos, mitos e fábulas que englobam os mais diversos temas . Dentro dessas histórias encontramos os belos animais da fauna nacional e entre eles não poderia faltar a cobra mais venenosa da América do Sul, a Surucucu!

Alguns povos Amazônicos crêem que depois da criação do mundo não haviam noites e os índios eram obrigados a dormir no claro. O indianista Nunes Pereira retrata a sua versão do mito na aldeia dos Maué, onde o índio Uánhã promete ao seu povo que vai conseguir negociar uma troca com a serpente Surucucu já que ela e seus companheiros eram os donos da noite. O índio vai até a casa da cobra e oferece o seu arco e suas flechas.

Ela recusa o acordo já que não poderia fazer nada com os objetos, mas Uánhã não desiste e retorna novamente dessa vez oferecendo venenos para a Surucucu que prontamente aceita o acordo e realiza a troca com o jovem.

Após conseguir realizar a troca, Uánhã é abordado por seus curiosos companheiros que insistem até conseguirem abrir o pacote que continha a noite. Assustados com a repentina mudança eles fogem deixando o jovem sozinho.

No mesmo instante os amigos da Surucucu a Aranha, a Jararaca, o Lacrau e a Centopéia aparecem e atacam o jovem índio que não resiste aos ferimentos. Após sua morte, um amigo de confiança realiza um ritual mágico que traz o jovem Uánhã de volta a vida e a sua primeira atitude é voltar até a casa da Surucucu. Lá reivindica uma noite maior, já que a última tinha sido muito curta. Deste modo, após vencer a morte, o jovem herói consegue conquistar a Grande Noite e os índios não precisavam mais dormir no claro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDINO, Maria Eduarda. Eu deveria ter medo dessa cobra. Revista Herpeto Capixaba, 2020. Disponível em: <https://www.herpetocapixaba.com.br/post/eu-deveria-ter-medo-dessa-cobra>

CAPUCHU, Kaliny Magalhaes. Lendas Amazônicas: os vários prismas. Relatório de Pesquisa; UFAM, 2009. Disponível em: <http://riu.ufam.edu.br/handle/prefix/1648>

FERREIRA, F. F.; CRUZ, R. L.; NOJOSA, D. M. B.; ALVES, R. R. N. Folklore concerning snakes in the Ceará State, northeastern Brazil. *Sitentibus série Ciências Biológicas*, v. 11 (2), p. 153-163, 2011. DOI: <https://doi.org/10.13102/scb70>

SARMENTO-PANTOJA, Tânia & SILVA, Allan Júnior Miranda da. Matéria fabular na literatura indígena: a onça e o fogo e as serpentes que roubaram a noite. *Revista Humanidades & Inovação*, v. 9 n. 1 (2022): Fronteiras, Saberes, Literatura, Arte e Ensino. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4969>

TOZANI, Augusto. Para onde foi a Surucucu. Revista Herpeto Capixaba, 2019. Disponível em: <https://www.herpetocapixaba.com.br/post/para-onde-foi-a-surucucu>